

“Inutilmente parecemos grandes”, ou à deriva – nota sobre a metáfora do naufrágio, de Hans Blumenberg

André Carneiro Ramos*

Resumo

O objetivo deste ensaio é refletir acerca da ideia de que a Humanidade necessita de riscos para superar estados de estagnação. Sob essa perspectiva – e a partir do livro “Naufrágios com espectador”, de Hans Blumenberg –, discutiremos como a arte apresenta elementos-invocadores de uma barbárie “desagregadora” não apenas do sujeito, mas de toda e qualquer civilização, para apontá-la como condição paradoxal para o homem vivenciar grandes aspirações. Para tanto, empregarei como *corpus* de reflexão fragmentos de dois poetas portugueses do século XX, Ricardo Reis e Fiama Hasse Paes Brandão, além da pintura de Theodore Géricault, intitulada “A balsa da Medusa”, bem como o romance “Naufrágios”, do escritor japonês Akira Yoshimura.

Palavras-chave

Literatura. Comparativismo. Metáfora. Naufrágio. Barbárie.

1. Introdução - Variação 1^a, *allegro ma non troppo*, un *poco maestoso*: o salvo-conduto da poesia

Para escrever sobre Hans Blumenberg e a metáfora do naufrágio, farei um pacto com a poesia. Entidade que escavou os abismos de Rimbaud, Shelley, Rilke, Whitman, Drummond... São tantos! E todos nos convidam a neles e a outros confrades, mergulhar. Penso que o poeta convive, ou melhor, conjura, por toda vida, um “clamor”. Especifico melhor a questão: para tal empreitada, convido que me acompanhem a poesia portuguesa (personificada pelas vozes de Ricardo Reis, Fiama Hasse Paes Brandão e Fernando Pessoa), a pintura de Theodore Géricault intitulada “A balsa da Medusa” (de que modo literatura e pintura, nesta nossa investigação com

* Doutorando em Literatura Comparada pela UERJ.

feições comuns à barbárie, imbricar-se-iam?), bem como a literatura japonesa (esta, representada por “Naufrágios”, de Akira Yoshimura, dono de uma prosa ímpar, com nuances de poeticidade). Penso que estarei bem acompanhado, pois que imediatamente, nesta variação 1ª e já em Ricardo Reis – máscara pessoana habituada ao rigor da forma –, notamos uma grave circunscrição, em decassílabos, sobre o mar (que um dia também fora de Camões, Vergílio, Homero...), e que corrobora poeticamente para torná-lo tanto mais desafiador e enigmático, quanto admirável. Diante dessas águas, bem como de toda simbologia e misticismo que delas emanam, meus ouvidos se sentirão mais “resguardados” ao filiar-me aos poemas lusitanos, mais a imagem de Géricault e o romance de Akira Yoshimura, meus aliados. E como demonstrarei na variação 3ª, a literatura japonesa seguirá descortinada sob o entusiasmo de minha curiosidade por outros tipos de narrativa, diferentes culturas até, igualmente tratando da maritimidade e suas metáforas.

Em meu esforço, tocarei de leve não a pele de um demônio, mas a sublimidade da sacerdotisa chamada Palavra, cujas vestes nos envolvem, por vezes musicalmente (como se de sereias fossem), em versos, sons e rimas. Nas veredas borgianas que diante de mim certamente se bifurcarão, tentarei reencontrar, sempre e em todos os sintagmas quase, o ardor, a veemência das metáforas. Eis o interlúdio. Talvez, como no dizer de Álvaro de Campos, eu tema mesmo não obter respostas, justamente por sentir-me “à deriva” em todo esse processo.

Todavia, a finalidade dessa investigação será a de refletir sobre o porquê de o homem necessitar tanto de riscos para seguir adiante, ou seja: discutir sobre certos elementos invocadores de uma barbárie que funcionaria como um componente “desagregador” não somente do sujeito, mas das civilizações, algo que, paradoxalmente, acabaria por impelir esse mesmo indivíduo, peça chave da coletividade, a vivenciar grandes aspirações. Uma citação de Rossi postula que:

A metáfora da viagem arriscada implica, necessariamente, a do naufrágio. Nos textos baconianos, trata-se de um naufrágio coletivo. Este não é visto como ocorre na perspectiva lucreciana examinada por Blumenberg, por um espectador que, da terra, observa aquela tragédia distante e, daquele espetáculo, extrai para si mesmo *sensações de conforto e motivos de renovada segurança*. Não se refere aos indivíduos, mas às civilizações. A metáfora do naufrágio retorna numa série de passagens referentes à história, ao tempo e às coisas que, da remota Antiguidade, chegaram até nós. (ROSSI, 2000, p. 25, grifo meu).

Pactuo, para essa tarefa, com tal premissa e com o salvo-conduto chamado poesia. E mais todos os riscos elencados que me cercam. Sem mais delongas, ouçamos bem uma primeira mensagem (que apropriadamente poderia ter sido encontrada por mim em uma garrafa):

O mar jaz; gemem em segredos os ventos
Em Eolo cativos;
Só com as pontas do tridente as vastas
Águas franze Netuno;

E a praia é alva e cheia de pequenos
Brilhos sob o sol claro.
Inutilmente parecemos grandes.
Nada, no alheio mundo,
Nossa vista grandeza reconhece
Ou com razão nos serve.
Se aqui de um manso mar meu fundo indício
Três ondas o apagam,
Que me fará o mar que na atra praia
Ecoa de Saturno?
(PESSOA, 1977, p. 264).

Nota-se que Portugal pactua uma vez mais com seus antepassados, “despragmatizando” a linguagem num processo de auto-escuta, o que a torna, além de paradigmática, bela. Na verdade, junto das musas Lídia, Cloe e Neera, Reis frequenta, como já se sabe, uma gama de símbolos que, epicuristicamente, passou a ser perpetrado naquilo que alguns chamam transcendência, outros transgressão. Prefiro cognominá-la Arte.

Nessa vigência, retomemos o 7º verso: “Inutilmente parecemos grandes”. Eis que as linhas metafóricas desta passagem selam aquilo que pretendo muito discretamente investigar. E minha inconstância (a nossa, a de todos), ou melhor, o desconcerto clamado por Camões, tratará dos perigos de qualquer trajetória, não só marítima, mas toda aquela que carrega em si algo de odisséico, e que talvez demonstre em seu inerente processo trágico todo um mecanismo nosso de auto-reconhecimento. Cabe também perguntar o quanto Blumenberg e sua metaforologia do naufrágio me guiará. A viagem é densa. Exigirá de mim uma técnica. Hölderlin será a minha prancha? Sigamos.

2. Variação 2ª - *molto vivace*¹: “A balsa da medusa” e O risco da sobrevivência

Discutir os clichês filosóficos da existência e da morte, principalmente no que diz respeito à memória individual e coletiva renitente em nossas entranhas, pode ser encarado de modo reflexivo como parte das metáforas fundadas por Hans Blumenberg, em seu estudo intitulado “Naufrágio com espectador”.

Pois então, um lampejo histórico como ponto de partida: para os irmãos de Homero, habitantes de outros tempos (que agora ecoam e dão forma ao Ocidente), o ato de abandonar a terra firme era considerado como deveras perigoso; em contrapartida, a desgraça de um naufrágio poderia representar uma espécie de desafio à ordem ou à natureza das coisas, como diria Lucrecio. Assim, podemos pensar na figura mítica de Ícaro, que almejou similar desafio ao se lançar aos céus. Como se sabe, tal jovem pagou com sua vida por tal epifania. Contudo, mesmo afastados temporariamente de seus medos, muitos eram aqueles atraídos pela ideia libertadora do desconhecido, da glória e de todo reconhecimento que uma odisséia marítima poderia oferecer. Os homens passariam, cegamente, a se lançar rumo a futuros naufrágios, que porventura acabariam se convertendo numa espécie de metáfora dos perigos que desde sempre rondam a nossa existência.

Nesse sentido, Blumenberg inicialmente explora em seu texto a questão lucreciana da libertação dos medos que nos cercam. Fenômenos da natureza e acontecimentos do mundo dos homens, afinal. De acordo com o poeta romano, sob um agigantado mar – obviamente, espelho do firmamento, haja vista ser um território aquoso e divino –, todos aqueles que se entregaram às ações marítimas e seus

¹ Um adendo: ouvirei, no bojo da escritura deste trabalho e em tempo integral, a Sinfonia nº 9 em D menor, Op. 125 “Choral”, de Ludwig Van Beethoven, composição que muito me ajudou a vislumbrar as musas necessárias a essa empreitada. Vamos a ela, mas antes, uma loucura digressiva minha, especialíssima (preciso de alguma forma “escrever sobre música” neste ensaio; a leitura de Adorno me força a isso...): a menção musical que faço ao longo da escritura deste ensaio, muito pouco acrescentaria a um movimento de reflexão, no que tange à tentativa de esclarecimento desse mistério chamado emoção musical. Pois que, nessa tentativa, acabo sempre por me configurar como um “admirador”, e não um “decifrador” de tal enigma, dito sublime, sentido emoção. Ainda bem. E minha audição se arquiteta por meio da interação que se estabelece entre som e percepção, num constante processo interpretativo onde música e sujeito (eu mesmo) se mesclam, como que num andamento. O jogo que se estabelece entre as partes segue delineando sensações que afloram numa espécie de esquiwa, seguida de retorno; um ascender, ao mesmo tempo em que a mim se mostra como esvanecimento. Tal processo interpretativo torna-se belo, lógico, mesmo que não me atinja suficientemente a ponto de fazer-se sublime. Nesses casos, creio, o belo vem a interagir com o sujeito ao lhe despertar um prazer puro e simples, haja vista prevalecer o seu tom de espetáculo somente e não ocorrer uma entrega do ouvinte, introspecção que poderia ampliar-lhe as sensações. Desse equívoco, feito um poema parnasiano, a música justificar-se-ia somente por si mesma? Por enquanto, não saberia responder. Porém, das cinzas (restos dispersos que posteriormente se revigoram vez por outra nesse mesmo indivíduo), a música acabaria mais uma vez como iluminação, por incitar-nos a percepção do sublime. Enfim, as variações desta Sinfonia nº 9 me ensinam sempre que: cada ouvinte, ao passo que se congrega com o universo, pode vir a tornar-se – dependendo do momento ou da música que nele se aprofunda – um decifrador de todo esse mistério, não se configurando como outra coisa senão um imediato (re)criador.

plausíveis sofrimentos deveriam se encarar como incólumes. Tempos mais tarde, Voltaire defenderia que tudo isso possuiria um tom animalesco (por isso mesmo, natural); e a curiosidade dos homens viria a impulsioná-los longe, rumo aos desafios do mundo.

Ouso dizer que, ao mergulhar mais detidamente na leitura de Blumenberg, cheguei à conclusão de que essa incolumidade não passa de uma quimera. Há pouco, recuperei a imagem da "Balsa da Medusa", de Theodore Géricault², apogeu pictórico de uma insistente barbárie. O curso de tais destroços é perigoso (podemos senti-lo!). Neste caso, o saber, a técnica pode muito bem se transformar em ferramenta inestimável. Desgraçadamente, ao vislumbrarmos a pintura, acabamos por nos tornarmos parte dela: espectadores se lançando a estes destroços (tão próximos!). A balsa, mesmo parca, é tudo o que nos resta. E a tentativa última e coletiva de resgate possível seria levá-la para a civilização. O homem (bicho da terra tão pequeno... Camões previu este anoitecer!) necessita muito bem disso para a sua própria sobrevivência.

Daí, todo e qualquer naufrágio metaforicamente seria um risco necessário e irresistível. No livro que tenho em mãos leio:

Entre as realidades elementares com que o homem se confronta, é a do mar – pelo menos até à tardia conquista do ar – a mais suspeita. A ela se submetem potências e deuses que se escapam da esfera dos poderes determinantes com a maior obstinação. Do oceano, que envolve a margem do mundo habitável, vêm os monstros míticos que estão o mais afastado possível das figuras da natureza [...] o homem, apesar de ser um ser vivo da terra firme, *apresenta a totalidade do seu estado no mundo, de preferência no imaginário da viagem marítima.* (BLUMENBERG, s/data, p. 22, grifo meu).

Admito que recorro a Blumenberg buscando encontrar uma luz por dentro e por fora das metáforas que me foram apresentadas; e que poderia, na sucessão ininterrupta de imagens violentas e redentoras (re)criadas, comprovar a mim mesmo a conjectura daquilo que verdadeiramente sentimos na coletividade de modo ainda mais vivo (segundo Schopenhauer), e que só se revela na infelicidade de nossa mortal condição, ou melhor: na dor, na autodestruição dos tempos de agora. Todavia, devemos lembrar sempre que possuímos como escape a metáfora, fonte contínua e gozosamente dolorida que em nós se instaura sem licença pedir; por assim dizer, em Géricault, constato ser a arte superando-nos a própria vontade.

Esboça-se, ao que me parece, uma espécie de horizonte aos sedentos olhos dos desesperados naufragos (já não mais incólumes todos eles, inclusive eu e você...). E mesmo para os que em terra firme se alojaram ocorreria esse crescimento óbvio, pois dele não se teria mais como escapar. Instaura-se, então, para falar de modo que todos

² Estranhamente, ainda não tinha observado que a referida pintura se apresenta estampada na capa da edição portuguesa do livro de Blumenberg, metaforizando plasticamente a própria metáfora do naufrágio.

me entendam, um rico procedimento via “palavra”³, pois que não existe expressão humana sem metáfora; não existe ciência sem ficção. Nesse ínterim, comprova-se uma necessidade cada vez mais gritante de expressões alegóricas, míticas, ficcionais. A poesia, por exemplo, como fogo fundador de toda e qualquer civilização.

Dessa forma, seríamos o nauta, mesmo estagnados no porto, mas também sentindo o marinheiro em nós habitar. E todo esse desafio nos impulsionaria ao encontro de uma grande, transformadora, aspiração. Mas que mensagem a nós seria revelada?

Nunca o mar foi tão ávido
quanto a minha boca. Era eu
quem o bebia. Quando o mar
no horizonte desaparecia e a areia férvida
não tinha fim sob as passadas,
e o caos se harmonizava enfim
com a ordem, eu
havia convulsamente
tão serenamente bebido o mar.
(BRANDÃO, 1989)⁴.

Seguindo os passos de Fiama, somos levados por uma transgressão a beber convulsamente das águas desse mar, sabedor de todos os segredos. E mais uma vez retorno a Géricault, no intuito de me escorar um pouco mais em sua barca e entender a questão dessa Medusa náutica e bárbara que se nos apresenta. Por que essa nuance tão trágica? Todos ali estariam a figurar como pedras, já mortos? A par dessa pequena infidelidade com Blumenberg (não posso me afastar do seu texto!), tento manter-me fiel à essência de seus destroços, que acabariam por se transformar, segundo ele mesmo, em novos barcos. Aparentemente, probabilidades inusitadas de salvação a um “todo” se apresentariam.

Mas o que chamo de “todo”? Noto, à direita do quadro, na parte superior, um homem que se eleva em meio aos corpos-irmãos amontoados. Um líder talvez? Na verdade, aquele que ainda não perdeu a esperança. Com a vestimenta nas mãos acena para a costa ou outra embarcação (que como ensandecida miragem parece também se aproximar). Nessa pintura, os detalhes de uma desolação podem muito bem ser verificados. Observo que os mortos provavelmente pereceram de fome e

³ Apenas cito esse postulado; não devo e nem possuo ainda envergadura para me ater à Teoria da Inconceptualidade, de Hans Blumenberg.

⁴ Súmula de lição aprendida. Porque houve toda uma conjuntura me levando a essas reflexões, (de caráter caleidoscópico; assumo aqui esta minha embrionária voz), é que do mesmo modo resgato a cantilena de Fiama Hasse Pais Brandão, acerca do mar como instante utilíssimo para os homens, misto de ordem e desordem imperativas, como se percebe. Tal poema pode muito bem se afigurar a nós como um “Ser” ondulante (Pessoa simularia: o poema é um animal!) pregador da noção de um fluxo e refluxo eterno das ondas num diálogo com os ventos de um passado heróico e não menos reflexivo de Portugal. Tal poema? Adquiriu luz própria dentro das tentativas minhas de entendimento sobre tudo o que foi lido e rascunhado até agora. Costumo sorrir quando qualquer assunto me leva à poesia.

sede, vencidos em seus sonhos. Mas alguns poucos sobreviventes se mantêm em oração; já outros, a tudo desistiram. Penso que estes até mesmo praguejam a má sorte que tiveram, no momento de uma quase coletiva decisão de se lançarem aos riscos do mar.

Enquanto essa barca se transforma em purgatório aos nossos olhos, torna-se possível pensarmos numa história para cada um desses cristãos, pois que da pictórica cena um teatro imóvel se ergue, adquirindo vida em nossa imaginação. Ali, o mar continuará para sempre revolto, envolvendo-nos, devorando nossas esperanças. Sou um espectador agora, do mesmo modo perdendo minha posição.

Retomando Blumenberg, o ceticismo de Voltaire em aconselhar por vezes o homem a permanecer no porto não poderia se tornar coerente, segundo Pascal, que acreditava na metáfora náutica como um símbolo de que a vida pressupõe desafios e engloba o significado de uma permanência em alto mar, pois que não existiria outra escolha senão a da salvação ou o perecimento. Nunca a ignara possibilidade do obstáculo.

Essa “cristã ideia” de Pascal acabou retrabalhada por Nietzsche em seu niilismo, que podemos considerar como “heróico” dentro dessa vertente, haja vista para ele não ser plausível a pretensão humana da terra firme (filósofos: aos navios!). Curiosamente, como também nos revela Blumenberg ao escrever sobre as revoluções do século XIX, Jacob Burckhart igualmente argumentou de modo contrário à noção lucreciana de incolumidade do espectador, no que defendeu ser isto um estado de espírito impraticável: *“Claro que depois de esfregarmos os olhos, notamos que nos deslocamos num barco mais ou menos frágil, sobre uma de milhões de vagas que foram postas em movimento pela revolução. Nós próprios somos esta onda [...]”* (BURCKHART *apud* BLUMENBERG, s/data, p. 90-1).

Nesse sentido, uma contemplação estética desinteressada tornar-se-ia difícil aos homens, que como num palco teatral têm obrigatoriamente de ser intérpretes, desejem ou não. Por outras palavras, além de sermos tais ondas, também consistimos nos sobreviventes à deriva dos destroços de Géricault, navegando talvez em vão a um horizonte que pode nunca se aproximar (ou, como já percebido, chegará demasiado tarde para a grande maioria).

Creio que do mesmo modo, pelo viés da filosofia contemporânea, vivemos num mundo destituído de fundações ontológicas: há muito que não mais existe a garantia de uma terra firme, e o que nos sobraria seriam espécies de pranchas dispersas ao acaso, às quais nos apegamos sofregamente. Ainda segundo Blumenberg, tudo o que podemos fazer é tentar construir novas possibilidades, “embarcações originais” a partir das pranchas deixadas por antigos naufrágios (que podem ser mais eficazes do que uma palha, porém não tão satisfatórios a ponto de nos colocar em duradoura segurança).

Com tais pranchas-destroços se transformando em moldura para essa força de viver, essa “vontade” ao modo schopenhaueriano, percebe-se algo obscuro e cego, revestido num impulso terrível, dramático. Por outra via, é o que diz Paolo Rossi sobre

a temática de um naufrágio que incitaria “[...] o retorno da barbárie, o ciclo ou a roda do tempo que faz reemergir os restos de anteriores naufrágios em lugares novos e próximos a povos diferentes” (ROSSI, 2000, p. 40). Tudo isso muito bem representa o que de comum existe entre a pintura de Géricault e a nossa civilização (digo isso ao ver/sentir os corpos espalhados na balsa, vivos ou mortos, a partir da intuição estética/intelectual que se me abrangeu). Esse momento iconológico, carregado de reflexões ontológicas, diz respeito às vicissitudes a que todos nós, em momentos esparsos de dor/lucidez, vivenciamos. Existiria possibilidade de salvação para os naufragos da “Barca da Medusa”? Essa tensão, essa “quase” possibilidade, é o que nos mantém conectados ao drama maior que, ininterruptamente, a nós se oferece. Mais uma vez, recorramos a Blumenberg:

É certo que aquilo que o espectador vê é o próprio passado, na medida em que pôde tornar-se espectador e aprender a gostar da “sabedoria” da situação que se alheou da vida. Porém, o que ele vê encontra-se também no futuro à sua frente enquanto inevitabilidade que emerge da vida que é *um mar cheio de recifes e remoinhos*. Ele evita-os com cuidado e prudência, embora saiba que é justamente o sucesso *de todo o esforço e arte de abrir caminho* que o leva ao ponto em que o seu naufrágio é inevitável. Ele sabe que assim, *com cada passo, ele aproxima-se do maior, total, inevitável e irremediável naufrágio, que navega exactamente em direcção a ele, em direcção à morte*. Esta não é só o objetivo final da fadiga, ela é *pior que todos os recifes que conseguimos evitar*. (BLUMENBERG, s/data, p. 84-5).

Ao que me parece, trata-se da menção e do reconhecimento de todas essas constatações anteriores, em que todo este *unfathomable Sea*⁵ (e seus consequentes naufrágios) passaria a interagir numa ideia de coletividade e sob a perspectiva de um desafio, atraindo sucessivamente o perigo, redesenhando-o ao individual e em seus dissabores, reescrevendo com isso a cartilha da sobrevivência. Trata-se de um procedimento cego, todavia necessário, como já afirmei, para o autoconhecimento de nós mesmos. E temos ciência de que tudo isso corrobora (e se origina!) para a formação inelutável da tragédia que nos é continuamente peculiar. Esta “verdade” toca-nos fundo a carne, que mais uma vez grita o verso de Reis lembrado. Eis o momento de deixar a pintura de Géricault em suspensão, no ar de minha mente que reflete ainda a dor/lucidez de todos aqueles personagens. Pelo simples fato de sermos humanos é que nos importamos. Literatura e pintura são, de fato, curiosas companheiras.

⁵ Outras imagens poéticas podem muito bem ilustrar toda essa atmosfera perigosa que nos cerca. Lembrei-me de um poema de Shelley, curiosamente intitulado “Time”. Leiamos: *Unfathomable Sea! Whose waves are years,/Ocean of Time, whose waters of deep woe/Are brackish with the salt of human tears!/Thou shoreless flood, which in thy ebb and flow/Claspest time limits of mortality,/And sick of prey, yet howling on for more,/Vomitest thy wrecks on its inhospitable shore;/Traacherous in calm, and terrible in storm,/Who shall put forth on thee,/Unfathomable Sea?*

3. Variação 3^a, *adagio molto e cantabile*: a “desagregação” em Hölderlin, bem como a “metáfora das civilizações”, em Akira Yoshimura

*Der Mensch Maas ist's.
Voll Verdienst, doch dichterisch wohnt
Der mensch auf dieser Erde.*

Algumas demandas...

Hölderlin, em seu mergulho *No azul sereno* (*apud* HEIDEGGER, 2002, p. 254-9), convida-nos a um êxtase. Joga-nos ao infinito de nossas questões (medos quem sabe?) – estou me referindo ao teatro da escrita poética, na qual também somos personagens além de espectadores, passíveis de catarses destinadas. À parte Géricault, outras imagens muito bem ilustram a proximidade entre a aventura marítima (seus destroços, sua barbárie) e uma espécie de redenção do homem naquilo que unicamente ele possui como certeza: a morte.

Por outro lado, “[...] poeticamente o homem habita esta terra”. Mas será tudo isso um mito? Material frio de estudo? Qualquer coisa que reverberaria a finitude do homem como sendo mero artefato histórico-filosófico resultante de cartesianas mecanicidades, propostas por caquéticas teorias? E a metáfora do naufrágio? Onde pô-la nisso tudo? E no apogeu deste nosso tempo, ainda agente de tradições cujo pensamento fechado de muitos teima em se confundir com fatos apregoados desde que o mundo é mundo, venho agora lançar mão de mais algumas notas reflexivas. Em tempo: pretenderei conservar-me assim, embasado por dúvidas que me são muito caras. Prometo ainda não me esquivar da indicação de Fiama: serenamente beber o mar, se preciso for⁶.

E como sair desta encruzilhada que eu mesmo criei? Voltemos a Blumenberg. Não há como negar: meu porto teórico, a essa altura destroçado! Contudo, ainda estou em tempo de retornar a Lucrécio e Montaigne. Ao primeiro, que observou a natureza das coisas a partir de uma “segura” e superior sabedoria. Reflito essa noção que dele emanou como uma auto-reflexão enobrecedora, pois que o espectador observaria o naufrágio a partir de um ponto seguro (de um promontório, como diriam os românticos) sempre resguardado por uma distância necessária, a natureza lhe assegurando essa posição. Porém, nesse caso, resgatando o vislumbre inicial deste trabalho, o que pensar sobre os habitantes de Athenas, ao verem seus insensatos compatriotas deixando a garantia da terra firme? A esses “espectadores incólumes”, após insuspeitadas elevações de humildade e atenção pelo próximo (peculiares aos seres humanos, nestas ocasiões), restaria obscuramente se vangloriarem por não terem sido vítimas de tamanha loucura, infortúnio e risco. Ser o sobrevivente, segundo

⁶ Já que também trato de uma espécie de exaltação à poesia portuguesa, tal observação bem que poderia ser considerada como uma síntese das mensagens contidas nos referidos poemas de Ricardo Reis e Fiama Hasse Paes Brandão. Despudoradamente, ambos nos perseguem, celebrando declínio e salvação *ad infinitum*.

essa ótica, é sempre o mais reconfortante. Brevemente a Montaigne agora: este justificava tal prazer como "maroto"; o espectador, em suas frias seguranças, preservar-se-ia sempre devido a uma auto-reflexão e capacidade de distanciamento. Louvores a isso pela sobrevivência concedida.

É interessante lembrar que, no Iluminismo, precisamente com Voltaire, ponderou-se a necessidade do risco para se ganhar alguma coisa (nem que fosse o prazer da aventura), pois que o progresso, a racionalidade imperante no século XVIII, implicou a ambição de se deixar para trás a segurança da terra firme. Os naufrágios naquele período continuariam a ser uma real incidência (até Hollywood abusou disso séculos mais tarde). O que ocorre muita das vezes em nossa realidade atual é que tal passado-martírio se reconstitui pobremente. Alguns apenas se excitam frente a uma mórbida curiosidade sobre o assunto.

Então, estaríamos mesmo como incólumes? Na verdade, seríamos espectadores não preparados para a auto-reflexão de Lucrécio, muito menos para a auto-satisfação pensada por Montaigne. Mas não nos esqueçamos: "[...] *poeticamente o homem habita esta terra*". A salvação se encontraria, dessa maneira, tão escancaradamente na Arte (apogeu das metáforas, sem dúvida alguma)?

Voltemos aos destroços e à barbárie...

Assim, posta mais uma vez em primeiro plano toda essa problemática, o mar resiste se mantendo como um facilitador de possíveis epifanias estimulando sensações que, sem sombra de dúvida, fundaram as metáforas até aqui resgatadas. Como se vê, nessa tortura e sob o poder ameaçador de um naufrágio, entre o Ser e o não-Ser heideggeriano, um instante-chave pode muito bem se descortinar nos detalhes de cada catástrofe, nas particularidades deste drama que sempre (mais uma vez: "metaforicamente") vivenciamos. Segundo Hölderlin, é num processo de "desagregação" que nossa essência original, outrora apagada – na verdade "não sentida" pela letargia coletiva que nos une – reapareceria em toda essa escuridão:

[...] a desagregação necessária torna-se objeto ideal da vida recém-desenvolvida, um voltar dos olhos para o caminho percorrido desde o começo da desagregação até o ponto em que a nova vida possibilita a recordação do que se desagregou. Assim, recordar a desagregação é explicar e reunir as lacunas e os contrastes que têm lugar entre o novo e o passado. (HÖLDERLIN, s/data, p. 74-5).

Neste próximo naufrágio que passarei a comentar, germina uma sincera reunião entre o homem (desprotegido, mesmo sentindo-se seguro em sua pobreza) e os mistérios dos augúrios que o cercam. Pude sentir na pele toda essa "desagregação" ao me solidarizar com Isaku, personagem do romance japonês cujo sugestivo título "Naufrágios" muito me atraiu. O escritor Akira Yoshimura não resistiu à tentação. Vamos à imagem:

A primeira vez em que Isaku colocou o barco na água foi no final de março. A chuva caía sem parar por dois dias, mas tinha estiado e o céu estava de um azul muito claro, porém o vento soprava em rajadas, o que provocava ondas altas no mar. [...] /Isaku ouviu uma voz atrás de si e virou-se, para ver um homem chamando e apontando para a costa. [...] /Ficou boquiaberto e sentiu-se

empertigar. Descendo pela trilha da montanha que levava ao passo ele avistou um homem [...] não havia dúvida de que se tratava de seu pai. [...] /Isaku sentiu um turbilhão de emoções. Sentia pena do pai que chegava em casa e não encontraria a mãe ali. Pensou no choque e na dor quando o pai soubesse que apenas Isaku tinha sobrevivido. /Por um momento, desejou levar o barco para o fundo do mar e deixar que a correnteza o levasse. /A força abandonou o corpo de Isaku e sua cabeça pareceu ficar vazia. Um gemido indescritível escapou de sua garganta. Ele pegou o remo e começou a conduzir o barco de volta para a praia. (YOSHIMURA, 2003, p. 190-1).

O romance em questão se tornou para mim uma leitura deveras perturbadora, justamente por se tratar de uma narrativa bastante simples, quase em tom de fábula, mas que revelou um paradoxo de densidade emocional que muito me fez lembrar o filme “Os sete samurais”, de Akira Kurosawa. A história se passa no Japão medieval, numa vila de pescadores bastante remota e próxima ao mar, onde Isaku, um garoto de nove anos, acaba vivenciando um áspero aprendizado da existência, revelador dos mistérios e riscos do mundo. Seu pai, como se descobre logo no início, vendeu-se em servidão por três anos. Isso era comum na aldeia. Isaku passa, então, a viver muito parcamente com a mãe e os irmãos, tendo de se preocupar cedo demais com o sustento da família. E o obscuro mar de sua pequena vila sazonalmente confere aos pescadores dádivas à sobrevivência dos seus.

Mas a graça nem sempre é o peixe. Em todo o inverno, quando os navios mercantes carregados de arroz e outros luxos passam ao longo da costa, os aldeões se põem a orar. Na verdade, armam um ritual (espécie de vodu antigo) em que se concentram no desejo de que um dos barcos (*O-fune-sama*, segundo eles) naufrague por sobre as rochas e recifes da praia. Caso isso ocorra, a prosperidade se instauraria na vila. Porém, os pescadores na verdade acabam por tramar mais do que simples rituais para os futuros naufrágios. A fabricação do sal, feita à noite, na praia, revela-se como uma grande armadilha. Todo fogo é, de propósito, preparado em grandes tachos na perspectiva de que os navios possam, ao vê-los, serem atraídos em sua direção no intuito de naufragarem na costa. Na vila existiria ainda um lugar onde os corpos dos marinheiros sobreviventes – e que acabariam posteriormente mortos pelas mãos dos próprios pescadores! – eram lançados:

Raro como era, via-se o aparecimento de *O-fune-sama* sob a mesma luz dos inesperados cardumes de peixes que às vezes apareciam perto da costa, ou quantidades especialmente grandes de cogumelos ou legumes da montanha encontrados na floresta. *O-fune-sama* era parte dos presentes oferecidos pelo mar, e seu aparecimento acabara de salvar as pessoas da aldeia da fome. Para a aldeia de Isaku, o naufrágio de *O-fune-sama* era a coisa mais alegre possível, mas para outras pessoas, em outros lugares, tais como a aldeia vizinha, era algo ruim e que merecia a punição máxima. Mas se *O-fune-sama* não abençoasse sua praia, a aldeia havia muito teria deixado de existir, e a baía não seria mais que uma área de mar rodeada por pedras. Seus ancestrais haviam vivido ali, e eles, por sua vez, só podiam sobreviver graças a *O-fune-sama*. (YOSHIMA, 2003, p. 118).

Desgraçadamente, um bizarro barco à deriva acaba nas mãos dos habitantes da vila. Como de costume, estes se transformam em hábeis predadores. E a pouca carga encontrada termina, como de costume, saqueada. Mas ao final de tudo uma surpresa: são encontrados, no porão do navio, corpos putrefatos de vinte e três marinheiros,

estranhamente vestidos de vermelho. O tecido acaba sendo considerado como uma espécie de tesouro; retirado dos mortos, passa a ser distribuído às mulheres e meninas da comunidade. O que antes era visto como uma intervenção divina se transforma numa espécie de vingança das forças da natureza (leia-se, em primeiro plano, o mar).

A partir daí, como já se pode imaginar, Yoshimura amplia o naufrágio deste último barco direcionando-o como metáfora não só do ocaso dessa pequena vila de pescadores, mas o de qualquer civilização que não se disponha apenas a contemplar os destroços que lhe chegam (preferindo uma falsa segurança?), mas a pagar o preço da própria sobrevivência ao se lançar quase que sacrificialmente (e de modo heróico, por que não?) a todo um processo “desagregador”.

Por que o homem necessita de riscos para seguir adiante? Acredito na clareza do romance de Yoshimura, em que uma variedade de signos passa a nos sugerir uma espécie de épica, algo que leva tanto Isaku quanto a nós, leitores, a vislumbrar talvez a maior metáfora de todas: a vida, essa nossa grande aspiração terrena e constante. Sabemos que Isaku nunca viveu, mas o curioso é que tal personagem me fez recordar de um passado nostálgico, igualmente não vivido por mim, é claro, mas que sinceramente se me presentificou, num misto de tristeza, gratidão e ternura; ao que constatei, elo de uma essência minha para com uma invisível totalidade.

Faz-se importante mencionar que o personagem de Isaku ao final amadureceu por meio da dor e da barbárie, redescobrando as somas de seu estado no mundo a partir da noção de que, para se descobrir, teve de se abrir aos riscos, tornando-se necessária a devastação que o último naufrágio insanamente lhe provocou, bem como à sua aldeia. Esse ápice, por assemelhar-se ao caos “[...] *ou no declínio, ou no momento, ou, geneticamente, no devir do momento e começo de tempo e mundo*” (HÖLDERLIN, s/data, p. 73), promoveria a introspecção dos homens-eleitos. Não incólumes, mas afeitos ao tempo, bem como no rastro de variadas descobertas; estas não os pacificariam, mas os tornariam cientes de sua responsabilidade perante o mundo.

A cada passagem em que a tragédia se afirma como um ato de devastação ligado aos instantes-chaves, Isaku, mesmo sofrendo, tenta compreender o cerne de cada momento de sua vida, ancorado, por vezes, na evidência de um mundo que, para ele, completa-se no mar: a água interagindo como elemento transitório (lembrei-me de Bachelard!). E toda a barbárie que dessas ondas emana, essência misteriosa esta obrigada a conosco coexistir sob um efeito, como se tentou aqui demonstrar, “desagregador”, paradoxalmente acabaria por nos impelir, como engrenagens de uma coletividade, às nossas próprias e cíclicas tentações.

4. Variação final, *presto* – *allegro assai*: devaneios de um nauta/marinheiro

Concluimos que a Humanidade necessita mesmo de riscos para superar seus estados de estagnação. Sob essa perspectiva – e a partir do livro “Naufrágios com espectador”, de Hans Blumenberg –, verificamos também o quanto a arte se estabelece como mensageira dos elementos-invocadores de uma barbárie desagregadora não apenas do sujeito, mas de toda e qualquer civilização. O *corpus* de reflexão deste ensaio ratificou toda essa questão, pois que tais “destroços” provocaram em nós um desconforto seguido de uma vontade: transformação. Afinal de contas, estamos todos mesmo à deriva...

Segunda – Todo este país é muito triste... Aquele onde eu vivi outrora era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe... Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse...

Primeira – Fora de aqui, nunca vi o mar. Ali, daquela janela, que é a única de onde o mar se vê, vê-se tão pouco!... O mar de outras terras é belo?

Segunda – Só o mar das outras terras é que é belo. Aquele que nós vemos dá-nos sempre saudades daquele que não veremos nunca... (PESSOA, 1977, p. 442).

Referências

- ADORNO, Theodor. *A filosofia da nova música*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- BLUMENBERG, Hans. *Naufrágio com espectador*. Lisboa: Vega, Limitada, s/data.
- BRANDÃO, Fiamma Hasse Paes. *Três rostos*. Coleção Peninsulares. Lisboa: Edições Assírio e Alvim, 1989.
- HADDOCK-LOBO, Rafael (org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Giolvan Fogel, Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Hiperion ou O eremita na Grécia*. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- _____. *Reflexões*. São Paulo: Relume Dumará, s/data.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1977.
- PIMENTA, Alberto. *O silêncio dos poetas*. Lisboa: Edições Cotovia, 2003.
- ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: a ideia de progresso*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SHELLEY, p. B. *Ode ao vento oeste e outros poemas*. São Paulo: Hedra, 2009.

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

YOSHIMURA, Akira. *Naufrágios*. Tradução de Sylvio Monteiro Deutsch. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

Title

"Uselessly we seem great," or adrift – notes on the metaphor of the shipwreck, by Hans Blumberg

Abstract

The present paper presents a reflection on the idea that Humanity needs risks in order not to stagnate. From such a perspective –and based on the book *Shipwreck with Spectator*, by Hans Blumberg – I will discuss how art presents invocative-elements of a "decomposer" barbarism not only of the subject, but of each and every civilization, so to point it as a paradoxical condition for man to experience his great aspirations. For such, I will use as a corpus for reflection fragments by two twentieth-century Portuguese poets, Ricardo Reis and Fiama Hasse Paes Brandão, in addition to the painting "The Raft of the Medusa," by Theodore Géricault, and also the novel *Shipwrecks*.

Key-words

Literature, Comparatives, Metaphor, Shipwreck, Barbarism.

Recebido em 16.05.2011. Aprovado em 11.07.2011.